

CULTURA

Um “brainstorming colectivo” que nasceu de um espectáculo interrompido

Artes
Mariana Duarte

O Ballet Contemporâneo do Norte lança hoje o projecto (RE=)Iniciação, que reúne online criações e pesquisas de 16 artistas

A pandemia veio interromper um momento particularmente significativo para o Ballet Contemporâneo do Norte (BCN): a criação do espectáculo *Iniciação*, que iria assinalar os 25 anos da companhia com a participação de Elisa Worm (n. 1939), sua fundadora e ex-bailarina do Ballet Gulbenkian. Hoje, dia em que a peça se iria estreiar-se no Cineteatro António Lamoso, em Santa Maria da Feira, o BCN inaugura um outro projecto. (RE=)Iniciação apresenta online propostas que resultaram da *open call* lançada em finais de Março a artistas, formadores e técnicos de todo o país, de diferentes disciplinas.

O ponto de partida para os trabalhos foi o espectáculo *Iniciação*, mas abrindo espaço para interpretações e estímulos vários, sem estarem presos às coordenadas desse projecto – até porque o que se pretende não é substituir a peça, mas sim gerar “um complemento”, assinala Rogério Nuno Costa, artista associado e consultor de documentação do BCN, que mobilizou esta (RE=)Iniciação juntamente com a directora artística da companhia, Susana Otero. Foram seleccionados 16 criadores de uma lista de cem candidaturas, o que “no universo do BCN”, estrutura com um raio de acção mais regional do que nacional, “é uma resposta maciça”.

O que vai acontecer a seguir

Uma das principais motivações para lançar esta convocatória foi “a vontade em responder”, dentro das possibilidades da companhia, à situação de precariedade e fragilidade da comunidade artística, agudizadas por esta pandemia. “Isto era o máximo que o BCN podia fazer: lançar uma pequena bolsa para apoiar quem precisa de dinheiro para comer nas próximas semanas, porque agora é mesmo por aí”, nota Rogério Nuno Costa. Paralelamente, interessava-lhes continuar a nutrir o processo de criação e pesquisa de *Iniciação*, mantendo o projecto vivo através de outros meios,



Performances de Daniel Pizamiglio (em cima) e Mariana Barros



A crise no sector artístico pode acelerar o “repensar de várias coisas”, incluindo o “modelo de companhia de autor”

diálogos e partilhas. “O espectáculo foi adiado para 2021, logo houve um vazio que se criou. Isto surgiu quase como um processo pseudoterapêutico para arranjarmos novos amigos, para conhecermos pessoas com quem nunca trabalhamos.”

Entre os novos companheiros estão bailarinos e performers, mas também gente ligada ao desenho de luz, ao

design e arquitectura, às artes visuais, à música, à produção, aos serviços educativos. “São áreas com as quais não costumamos trabalhar no contexto da companhia e de repente estamos a tentar perceber como podemos integrar estas pessoas dentro do nosso universo”, observa Rogério Nuno Costa. “Está a ser muito entusiasmante por causa disso.” Apesar de estas criações encaixarem em vários formatos – performance, videodança, texto, fotografia, concerto –, há um elemento em comum. “Há uma linha condutora que tem que ver com o facto de estarmos confinados. E também uma macrorreflexão acerca do que está a acontecer e o que vai acontecer a seguir a isto.”

Fluxo de ideias

As propostas vão ser apresentadas a partir de hoje e ficam alojadas no site do BCN, que serve como porta de entrada, diário de bordo e arquivo do projecto. Alguns artistas vão mostrar os seus trabalhos em *live streaming* nas suas próprias redes sociais, às quais se pode aceder através do Facebook do BCN. Logo às 12h30 decorre o lançamento do vídeo de dança *Ritual*, de Júlio Cerdeira. Ao final da tarde, pelas 18h, há um concerto em directo de Pan.demi.CK, intitulado *Batidas Contemporâneas do Nós*. Às 20h é a vez de *Manual Poético Prático para Re=Iniciar Solo*, uma performance de dança de Mariana Barros, à qual se segue *RE=RE=RE*, uma performance audiovisual em que Tiago Rosário irá projectar um vídeo num prédio de Almada, com transmissão marcada para as 22h.

Entre os restantes projectos encon-

tram-se uma performance de Daniel Pizamiglio, registada em vídeo, ou a “coreografia futurologista” de Andreia Soares, que decidiu convidar participantes do (RE=)Iniciação para dançarem a sua peça, seguindo as suas instruções escritas (e desenhadas). Haverá ainda diários visuais de coreógrafos e as imagens das “observações de re-iniciações naturais” do desenhador de luz Pedro Abreu, que, apanhado no meio do campo no Alto Minho durante o confinamento e desprovido das suas ferramentas de trabalho habituais, resolveu documentar “microcosmos de pequenas iniciações” que ocorrem todos os dias na natureza. “A conjectura obrigou alguns destes artistas a repensar uma série de práticas que neste momento estão impossibilitadas”, refere Rogério Nuno Costa.

Todo este fluxo de ideias e pesquisas, que resultou “de uma espécie de brainstorming colectivo de três semanas”, vai “com certeza” influenciar a retoma do processo de criação do espectáculo *Iniciação*, assegura o artista associado do BCN e co-criador da peça. O que, na verdade, não destoa do *modus operandi* da companhia, que tem procurado “reciclar-se” através de parcerias com diferentes coreógrafos (como Joclécio Azevedo, Mariana Tengner Barros ou Miguel Pereira), deixando-se assim contaminar por várias éticas e estéticas, diferentes práticas e afectividades.

Pensar sobre o que é uma companhia de dança, e se esse modelo ainda faz sentido hoje, é, aliás, uma das questões estruturantes de *Iniciação* – e isso será também discutido, com outro fôlego, no livro dos 25 anos do BCN, cujo lançamento se mantém agendado para Outubro deste ano. Para Rogério Nuno Costa, a pandemia e a crise no sector artístico podem servir para acelerar o “repensar de várias coisas”, incluindo o “modelo de companhia de autor”, ancorada “numa ideia de hierarquia e verticalidade” que “já está caduca há muito tempo”, considera. “Tal como temos de achatar a curva da pandemia, temos também de achatar a curva da hierarquia. Se houver algum convite a uma reformulação, é um convite à horizontalização, ao modo como as pessoas se juntam para trabalhar e pensar.” Nesse sentido, o projecto (RE=)Iniciação pode ser um bom início de conversa. Mesmo que seja à distância.

Passado e presente na música do rapper Ty

Óbito
Rodrigo Nogueira

Nomeado para um Mercury Prize em 2004, era também produtor. Tinha 47 anos e não resistiu ao novo coronavírus

Uma das grandes figuras da cultura hip-hop londrina, e especificamente de Brixton, o rapper e produtor Ty, que foi nomeado em 2004 para um Mercury Prize pelo álbum *Upwards*, morreu ontem, vítima de uma pneumonia depois de ter passado o último mês internado com uma infecção de covid-19 e ter estado num coma induzido. Tinha 47 anos.

Nascido Ben Chijioke em Londres, em 1972, no seio de uma família nigeriana pertencente ao grupo étnico igbo, Ty auto-intitulava-se “o verdadeiro maior de Brixton”, o seu bairro. Ao longo de uma carreira de mais de 20 anos, fez música que, ao mes-



Começou a carreira na spoken word e desde 2001, ano de *Awkward*, lançou cinco álbuns

mo tempo, reconhecia o passado e o presente do rap, sem seguir as tendências mais recentes, mas também sem soar antiquada. Aliás, estava sempre à procura de novos talentos no rap com quem colaborar ou para quem ser um mentor. O rap dele, que coabitava sem problemas com o grime e outras sonoridades em voga nos anos 2000, mesmo que existisse numa categoria à parte, era frequentemente apelidado de “próximo do jazz”, o que ele rejeitava totalmente.

A carreira de Ty começou na *spoken word* em cafés e casas de chá, nos anos 1990. Foi nessa altura que ajudou a fundar o projecto de educação de hip-hop Ghetto Grammar. Desde 2001, ano do primeiro disco, *Awkward*, lançou cinco álbuns, e, em 2002, fez parte de *Homecooking*, álbum a solo de Tony Allen, o lendário baterista criador do afrobeat que morreu há uma semana.

rodrigo.nogueira@publico.pt